GT 046. Música, Som e Formas Expressivas Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzolillo Sautchuk (DAN/UnB) -

COOrdenador/a Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de m?ltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a m?sica ? um campo f?rtil para investiga??o antropol?gica de um conjunto de temas e quest?es, possibilitando o di?logo entre diferentes nichos dos debates antropol?gicos, tais quais etnomusicologia, etnologia ind?gena, cultura popular, patrim?nio, antropologia urbana, antropologia do Estado e an?lise de rituais e performances. Apostando na relativiza??o da no??o de ?m?sica? como categoria anal?tica e partindo da supera??o do antigo dilema que apartava an?lise dos aspectos sonoros e interpreta??o dos sistemas de pensamento e a??o, este Grupo de Trabalho volta a aten??o para as conex?es entre m?ltiplos aspectos das pr?ticas musicais e produ?es sonoras e seus significados sociais, principalmente as rela?es da ?m?sica? com outros meios expressivos e pr?ticas sociais, e as dimens?es t?cnicas e pr?ticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos tem?ticos: 1) m?sica e linguagem; 2) intera??o no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) m?sica, ritual e performance; 5) media??o, apropria??o e identidade; 6) grava??o, representa??o fonogr?fica e arquivos; 7) paisagem sonora.

O nascer dos sons: uma etnografia dos processos de construção de um instrumento musical Autoria: Mateus Marcilio de Oliveira

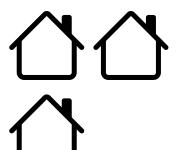
O convite inicial deste texto é para que não mais observemos os instrumentos musicais enquanto ferramentas inertes, repousando nas mãos de musicistas, e atentemos para os distintos cenários construídos em conjunto e a partir deles. Para que atentemos, também, que compreendem dinâmicas e complexas situações não só musicais, que fomentam mudanças na própria estrutura do que se compreende enquanto música, nas diferentes posições e papeis sociais envolvendo as mais distintas práticas musicais, e na construção de outras tecnicalidades concernentes à novas sonoridades e instrumentos. Nesta oportunidade, a produção procura observar as práticas subjacentes ao fazer musical, assim como discutir o lugar do instrumento enquanto atuante nestas redes de relações. Desta forma, lanço meu olhar a uma fase por mim considerada ?anterior?, mas de extrema importância para as práticas musicais subsequentes: o exercício de fabricação de instrumentos, ou luthieria. O presente texto se ampara em dados levantados acompanhando as nuances dos relatos de campo conduzidos em três diferentes oficinas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo ao longo do ano de 2017. Apresento, a partir de meu percurso etnográfico, questões relacionadas ao regime de fabricação de guitarras e contrabaixos elétricos, assim como as particularidades das redes de saberes e técnicas onde são obtidos os conhecimentos necessários para esta atividade. Para tanto, reúno algumas das ideias e instrumentos da antropologia do ritual (Leach, 1966; Peirano, 2001; Tambiah, 1985;) para apresentar espaços, ferramentas, matérias-primas e etapas sequenciadas de work para alcançar certa capacidade ergonômica, visual e sonora. Pensar a construção de instrumentos sob este prisma analítico permite que, além das etapas específicas de construção e singularização dos instrumentos, dos materiais e das ferramentas, observemos também o sequenciamento das ações e o estabelecimento de determinadas condutas enquanto imprescindíveis para a eficácia do método. Observo também como os densos saberes acionados pela figura do luthier são acionados (e produzidos) a partir de redes heterogêneas de sociabilidade habitadas também por instrumentos. A partir da relação do luthier com os instrumentos musicais, procuro salientar como algumas redes de sociabilidades nas quais estes saberes circulam, ultrapassando, assim, um dito ?mercado? musical, e adentrando num amálgama de técnicas, políticas, economias e noções de work. No decorrer deste texto, procura-se tratar a construção e circulação de instrumentos como eventos não



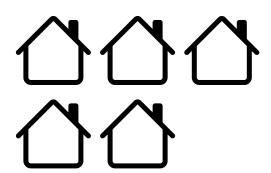
ordinários, organizados de maneira teleológica, levando-se em consideração, também a própria capacidade que os instrumentos musicais possuem de influenciar na produção de conhecimentos sobre si mesmos. Trabalho completo

31ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia

Realização:



Apoio:



Organização:

